

20 ARTIGOS

Dendê: alternativa energética e ecológica e riqueza para a Amazônia

Manuel Antônio Henrique dos Reis Lopes

Engenheiro — agrônomo

A Ecologia e a Amazônia são os grandes objetos de preocupação hoje em dia, quando opiniões contraditórias vêm sendo emitidas a respeito de sua preservação. Cientistas de renome se colocam, veementemente, numa posição radical: "A Amazônia deve ficar intacta; é para os amazônidas (Índios, caboclos)". Não se deve ver a coisa por esse prisma. A Amazônia precisa ser conservada, mas não intacta. Os desmatamentos podem existir, desde que sejam racionalizados e desde que haja, também, o reflorestamento, com florestas produtivas, que venham a enriquecer essa parte do País tão visada.

Existem soluções para o desenvolvimento da Amazônia sem prejudicar a ecologia. Na imensa floresta amazônica podem existir áreas de preservação, tanto da flora, como, principalmente, da fauna, com alguns espécimes ameaçados e outros já em extinção.

O Brasil é rico em técnicos de alto nível, conhecedores de potencialidades econômicas da Amazônia, sem riscos para ela.

Com toda essa celeuma sobre a Amazônia, ecologia, índios, etc., como técnico que sou, senti-me na obrigação de fazer um pronunciamento sobre o assunto, pois sou especialista em uma das muitas alternativas econômicas racionais da Amazônia, sem contrariá-la ecologicamente. Este documento coloca em contexto científico e técnico o desenvolvimento da Amazônia, através do Dendê, onde fatos já comprovados possam substituir as paixões desenfreadas dos defensores incontestáveis da Amazônia imutável.

Ecologia e Agricultura Tropical — Ecologia significa ciência (logos) do Habitat (Oikos); não significa imobilismo ou estatismo.

Agricultura é um conjunto de operações que transformam o solo natural para a produção de vegetais e animais úteis ao homem.

Não existe conflito entre Agricultura Tropical e Ecologia, mas, sim, complementaridade total. Na verdade, Agricultura Tropical é fonte de progresso do homem e de sua integração a um mundo vivo, em que se raciona sempre a longo prazo.

Então, a Ecologia e Agronomia devem assim estar associadas, para contribuir para o progresso do mercado tropical amazônico, o que significa um mundo em equilíbrio produtivo, onde uma melhor valorização do homem favorecerá a sua integração econômica.

Características do Meio Amazônico — É um mundo de água e de calor permanente. 1.500 a 2.000 horas de sol; 2 a m de chuva, com uma temperatura variando de 25 a 33°C. (A fotossíntese já se faz a uma velocidade máxima. Topografia variável: Terra firme, de muito ondulada a plana. A várzea — muito plana, sofrendo inundações anuais que vão de alguns dias a meses.

Solos profundos: principalmente latossolos, fortemente lixiviados, profundos, textura areno-argilosa, na superfície; na profundidade, acumulação mais argilosa, de boa estrutura e bem drenáveis. Não saturados em todo o perfil, somente o horizonte superior humífero possui pobreza química menos acentuada. Na generalidade se apresenta como: S das bases camiais = 0,3 a 0,4 Meg/100g; Capacidade de troca = 7 a 8 Meg/100g; PG Ácido = 4 a 5; Taxa de C = 2; de N = 2%; C/N = 10. A ação das precipitações abundantes, com temperatura elevada e num meio drenante, cria este tipo de solo, quimicamente empobrecido.

A floresta primária da Amazônia se perpetua, portanto, sobre um capital químico fraco, situado nos primeiros horizontes do solo e alimentado, continuamente, pela decomposição muito rápida da matéria orgânica. A floresta ocupa a quase totalidade da Amazônia. A floresta está em seu clima (um equilíbrio vivo, mas estático), ou seja: quando as curvas da respiração e da fotossíntese se aproximam ou se fazem paralelas, a produtividade primária é praticamente nula e as florestas tropicais se encontram nesse clima, não produzem, em termos de aumento da biomassa e, assim, a produção de oxigênio, por ser consequência da fotossíntese, torna-se praticamente nula, isto é, o que produz de oxigênio, ele mesma consome. As árvores crescem e quando atingem mais ou menos 80cm de diâmetro, em geral morrem, caem e apodrecem. Estima-se que a floresta produz e destrói 5m3 de madeira em tora por Ha por ano. Assim, os 300 milhões de hectares da floresta amazônica brasileira produzem e consomem 1,5 bilhão de m3/ano (ordem de grandeza).

Integração — Integrar economicamente a Amazônia é talvez, a melhor forma de, dinamicamente, defendê-la, com: uma exploração racional de recursos florestais; uma agricultura estabilizada, altamente produtiva e que conserve as características florestais do meio.

O Dendê — A Amazônia é a Região de origem da palmeira e representa o terreno de propagação de 90 a 100% de toda a família dos Palmae do mundo.

Forma de Implantação do Dendê — O Dendê explora o solo com um sistema radical, cuja descrição permite compreender o novo equilíbrio agrônomo, que é viável implantar na Amazônia, respeitando suas características naturais. Este sistema radical é, essencialmente, superficial. O Dendê é, principalmente, um captador de energia solar, produzindo óleo (carbono, hidrogênio, oxigênio). A maior parte dos outros elementos (fibras, coques de Kernel) é queimada para fornecer a energia necessária ao processamento, e as cinzas, ricas em potássio, são utilizadas como adubo.

Em termos de rendimento por unidade de superfície cultivada, o Dendê atende a uma produção entre 4 a 6 toneladas de óleo de Palma/ano/ha: U\$2.500 a U\$3.000.

Planta de Cobertura — O Dendê é sempre implantado juntamente com uma leguminosa, como planta de cobertura (o gramíneo Kudu/Tropical-puerária), que se destina: ao combate antierosivo; elementos úteis à planta cultivada; combate às pragas.

Luta Antierosiva — Os latossolos são solos resistentes à erosão e a violência das precipitações faz com que a erosão seja importante e não sua fragilidade intrínseca, como se admitiu durante muito tempo. A intensidade da erosão depende, em primeiro lugar, da importância da cobertura vegetal completa (quebra a energia cinética das gotas de chuva).

Uma plantação de Dendê, com uma boa cobertura (leguminosa) assegura proteção bem eficaz, uma erosão inferior a 0,1

Ton/ha/ano.

Enriquecimento do solo: O enriquecimento do solo pela planta de cobertura se dá, tanto no plano da estrutura (melhor permeabilidade, melhor porosidade, sobretudo em profundidade), como no plano químico (teor de carbono orgânico que aumenta, e uma captação de nitrogênio elevada).

Enriquecimento Estrutural — Song (1971) demonstrou que uma planta de cobertura influencia, positivamente, no teor de carbono orgânico sobre a agregação e dimensões dos agregados estruturais e, por conseguinte, sobre a capacidade de água.

A porosidade e a umidade são mais elevadas com leguminosas, que com gramíneas. A influência benéfica resulta essencialmente do maior suprimento de matéria orgânica.

Enriquecimento químico — A associação da palmeira do Dendê e da leguminosa é altamente positiva (Watson — 1964). — Crescimento máximo em 3 anos, contendo: 350 Kg. de N por Ha é igual a 2,4 Kg. de N por árvore aplicada anualmente, durante 3 anos.

Combate a pragas — A Fraisse (1970) provou que uma puerária bem consolidada, poderá constituir-se num meio eficaz de combate às Orçytes e outras pragas.

O novo equilíbrio — A floresta representa, com a sua heterogeneidade, um equilíbrio biomassa-solo. A plantação da Palmeira do Dendê e leguminosa de cobertura, constitui um novo equilíbrio substituindo uma floresta improdutiva, por outra, altamente produtiva, evoluindo em novas condições.

— Homogeneização do horizonte superficial em profundidade variável (10 a 30 cm).

— Número reduzido de espécies escolhidas pelo homem.

— Colheita periódica de matérias orgânicas e minerais do meio.

— Uma utilização racional do meio pela atividade agrícola, resultando num novo estado físico-químico do solo.

Os efeitos da plantação de Dendê sobre a climatologia — o desmatamento provoca queda nas precipitações. Em São Alberto, na Amazônia da Colômbia, a pluviometria média, antes da plantação de Dendê, era de 2.500 mm; após o desmatamento e durante 4 anos, ela diminuiu 25% e atingiu 1.800 mm, mas após a restabelecimento da cobertura arborizada, entre 6 a 7 anos, a pluviometria elevou-se a 2.700 mm.

O mesmo fenômeno foi observado na África, onde uma única plantação de 10.000 ha. de uma única parcela foi realizada. Em 5 anos, a pluviometria baixou em 30%. O nível anterior foi recuperado quando a cobertura da nova floresta foi reconstituída com Dendê.

Por outro lado, uma savana plantada com dendê e hevea recebe, atualmente, uma pluviometria superior. Dabom, representava uma savana de 25.000 ha. sobre solo arenoso em plena Região Equatorial.

A substituição de uma floresta por plantações de Dendê não modifica a climatologia, mas favorece-a. O desmatamento deve ser racional, com a preocupação de se evitar grandes unidades desmatadas ao mesmo tempo, conservando a floresta original na beira dos igarapés ou nos locais sujeitos à erosão. Conclusão: A abordagem científica dos problemas ecológicos ligados a uma valorização das regiões amazônicas, nos leva, portanto, às seguintes conclusões:

— A floresta amazônica é um conjunto heterogêneo sobre um solo frágil.

— A combinação leguminosa de cobertura/dendê forma um novo equilíbrio, dinâmico e produtivo, que poderá substituir o equilíbrio atual.

— A valorização desordenada e sem prosseguimento científico sério (desmatamento mal feito, sem ação imediata sobre os solos) não é aconselhável, por tornar-se perigosa a prazo.

— A plantação de dendê pode ser constituída numa alternativa viável para a floresta amazônica, pouco produtiva atualmente, ameaçada, alternativa esta já provada no mundo tropical.

— Em condições análogas, com um clima úmido e com solos no mesmo nível de fertilidade, foram valorizadas outras regiões tropicais: Malásia, Costa do Marfim, Indonésia.

— As primeiras plantações industriais de palmeira de dendê, no mundo, foram feitas em 1910, pela Socfin, sumatra (Indonésia). Setenta anos depois a terceira geração de árvores continua a produzir, no mesmo lugar e com rendimentos 3 vezes superiores.

A Malásia, que produz 100.000 toneladas de óleo de dendê, em 1964, é hoje o maior produtor de óleo de dendê do mundo, no entanto, esse país, com uma superfície de 332.633 Km2, constituído em 60% por montanhas, com uma população estimada em cerca de 15.000.000 de habitantes e com uma renda per capita rondando a casa de U\$1.700 (1982), no qual além do dendê, sua produção de borracha e madeiras tropicais é bastante significativa, representa o maior exportador do mundo desses produtos, sendo eles e o estanho a sua principal fonte de riqueza.

A Amazônia brasileira possui uma superfície de 4.672.000 Km2. Considerando somente o aspecto climatológico mais favorável ao cultivo do dendê, nós teríamos 847.682 Km2, correspondente a 17,35% da área total (Bastos-1982). Tipo Af da classificação de Köppen. Se considerarmos o clima do Tipo Am, com boas potencialidades de produção do dendê, que equivale a 41,07% da área total, representando 2.050.000 Km2, nós teríamos 2.897.682 Km2, equivalente a 58,42% da área total da Amazônia. Estimando que 50% (1.448.841 Km2) da área é propícia edafoclimatologicamente ao cultivo do dendê, teremos cerca de 4,4 vezes a área total e cerca de 11 vezes a área cultivada da Malásia.

Mesmo com toda essa área, não somos significativos no contexto de mercado do mundo, porque não produzimos nem para o nosso consumo. E apresentávamos uma renda per capita em 1984, de cerca de U\$1.150.

A partir do exemplo da Malásia e da Indonésia, pode-se afirmar que Ecologia, Agronomia e Economia são conceitos perfeitamente conciliáveis em um contexto equatorial.

Pode-se conservar a Amazônia desenvolvendo-a harmoniosamente, por meio de uma Agricultura Tropical, adaptada e baseada no Dendê, este uma fonte ilimitada de riqueza e um meio seguro para o desenvolvimento da Amazônia.

Altamira

José Carlos Castro

1 — "Princesa" ou "Pérola do Xingu" pouco importa a preferência. O certo é que Altamira acolheu com muita simpatia os participantes do I Encontro dos Povos Indígenas no Xingu e do I Encontro das Organizações não Governamentais Conservacionistas na Amazônia, realizados entre 20 e 25 de fevereiro do corrente ano. Os dois eventos faziam parte da mesma estrutura e tinham programações complementares. O primeiro evento foi dirigido pelos índios ou caciques das principais nações participantes (Paiaikan, Kube-I, Raoni, Megaron, Tuto-Pombo, Jorge e Marcos Terena, Juruna, Ailton Krenak, etc.). O segundo ficou a cargo da Sociedade de Preservação dos Recursos Naturais e Culturais na Amazônia (Sopren).

Os índios, em número aproximado de 400, eram transportados em ônibus, da chácara "Betânia", sede de Formação Catequética da Prelazia do Xingu, distante 6 km da cidade, onde construíram doze malocas. O restante dos índios, ficava cuidando da limpeza, alimentação e vigilância do sítio. Eram pontuais. Ingressavam no Centro Comunitário da Prefeitura de Altamira por volta das 8 horas. Faziam uma espécie de aquecimento, ginástica, cantavam e dançavam. Era a saudação matinal, atrairam os fluidos do bem para todos os participantes. No Centro Comunitário cabem mais de mil pessoas. E ficava literalmente lotado. Algumas índias faziam-se acompanhar de seus filhos de colo. Após o cerimonial, sentavam-se tranquilamente sobre folhas de palmeiras, espalhadas pelo chão. Escutavam tudo o que falavam, por vezes interferindo, apupando ou aplaudindo. Qualquer pessoa podia dar a sua opinião. Havia tradução para o Kaiapó, Xavante, português e inglês, feita pelos próprios índios. Participaram do encontro, aproximadamente, 900 índios brasileiros, de 39 nações, além de representantes do México, Canadá e Estados Unidos. Quinze canais de televisão presentes (9 estrangeiros e 6 nacionais), vários filmadores particulares e 408 jornalistas estavam inscritos para o evento.

As 12 horas, a sessão era suspensa, tranquilamente, os índios tomavam os ônibus para o almoço. Só retornavam às 15 horas. Esse intervalo constituía rara oportunidade para visitar a chácara "Betânia". Os índios aproveitavam para pintar o rosto, os braços, as pernas e efetuar corte de cabelos dos congressistas, que assim o desejassem. Principalmente a pintura chamava atenção pela variedade de tons, criatividade e beleza estética. Os índios, quando estão pintando ou fazendo cortes de cabelo, são extremamente alegres, riem o tempo todo que chegam a contagiar as pessoas. As sessões de tarde encerravam-se às 18 horas. A fim de demarcar a organização e a pontualidade dos índios chamavam atenção até mesmo dos estrangeiros. Um exemplo que os brasileiros deviam também seguir. As 19 horas, os portões de "Betânia" eram fechados e passavam a ser guarnecidos pela PM e índios.

No primeiro dia, houve pequenos problemas com as credenciais dos participantes. Tudo, porém, foi sanado no dia seguinte. Os dirigentes do encontro resolveram facultar o ingresso das pessoas, sem a exigência de qualquer documento. A Polícia Militar ficava à porta apenas para organizar a entrada. Os dirigentes da Sopren às 18 horas, reuniram-se no salão do alojamento, com todos os representantes das entidades. Discutiram-se nesse momento a elaboração de manifesto, troca de experiência de campanhas e sugestões para a unidade do movimento em âmbito nacional. Mais de 50 entidades estavam presentes. Após o jantar, no mesmo Centro começava o Encontro das Sociedades Conservacionistas não Governamentais, cujas reuniões eram dirigidas por Carmo Viana, Vivaldo Reis Filho, Pinon Frias, Orlando Valverde e outros. Muitas famílias de Altamira vinham participar dos debates noturnos, acompanhadas de seus filhos. Em geral o Centro Comunitário permanecia lotado até as 22 horas.

Nos dois eventos, os debates, alcançavam alto nível de interesse, pois contaram com a presença de cientistas e pessoas reconhecidamente competentes sobre o assunto. Alguns momentos pas-

saram a ser lembrados com destaque: a chegada de Paiaikan em Altamira, em plena fase de recuperação pós-operatória; o discurso descontraído e objetivo da deputada Benedita da Silva (PT), ovacionada delirantemente pelo público (brancos e índios), e a intervenção da índia Tura-Kaiapó que, com um terço na mão direita, abanava-o ao rosto do dr. José Muniz Lopes, da equipe de Coordenação da Eletronorte. Esse gesto, tido como agressivo, não agradou aos brancos. O branco, de posse de uma faca, mata ou fere e não faz nenhum ritual. Os jornais de nossa capital, desde o dia 20 de fevereiro até o dia em que acabei de escrever este artigo, noticiam mais de 12 mortos ou ferimentos por faca, registrados na Polícia. Isso não mais incomoda o branco, que já perdeu a sensibilidade pela vida do próximo.

2 — Estudantes — Na parte externa do Centro Comunitário, foram construídas pequenas lanchonetes e cafés. Porém, era proibida a venda de qualquer tipo de bebida alcoólica, mesmo a cerveja. A população de Altamira, que participou ativamente do encontro, misturava-se com os visitantes. Eram jovens universitários (a UFPA possui um campus, com aproximadamente 200 alunos), secundaristas, professores, jornalistas, trabalhadores, religiosos, meninos, crianças, motoristas de táxi, vendedores ambulantes (milho cozido, pamonha, picolé, sorvete, etc.). Mães conduziam seus filhos para brincar com os índios. As crianças possuem um encanto pelos índios, principalmente quando são de sua idade.

Foi numa dessas lanchonetes que encontrei um grupo de estudantes que fazia a leitura, em voz alta, de artigos de jornais de Belém sobre o encontro. Ao final da leitura de um trabalho completamente desinformado, um dos estudantes observou: "Este artigo constitui a expressão da velharia de fala velha". Como não entendi, pedi-lhe esclarecimentos. Proseguiu: "São pessoas que envelhecem mental ou biologicamente e que, mesmo no caso da vida, continuam falando e escrevendo sobre velharia porque não compreendem o mundo do jovem, o nosso mundo". Perguntei-lhe se tinha visto algum "fala-velha" durante o encontro. Em gargalhadas, respondeu: "Aqui jamais eles vieram, uma vez que perderam o bonde da história, remam contra a maré montante. Onde estão a juventude e o moderno reunidos, eles não aparecem".

Na verdade, o encontro de Altamira serviu para revelar que existe em nosso Estado um pequeno grupo de intelectuais e de políticos altamente conservadores e bastante preconceituosos com os índios e outras minorias. O pior é que, mesmo morando na capital mais importante da Amazônia, essas pessoas desconhecem temas inseridos no cotidiano da região, como queimadas, poluição dos rios, extinção da fauna e da flora, garimpos, depredação da floresta, Calha Norte, a vida dos índios, as consequências trazidas pelas hidrelétricas, movimentos de camponeses e suas organizações, a ocupação da terra, a pluriétnia do povo, etc. Deixaram claro que o seu caldo de cultura é manipulado a partir de leitura de jornais, de revistas, de poucos livros, e da imagem de televisão, sem nenhum contato com a realidade presente. O simples fato de morarem na Amazônia não pressupõe o seu conhecimento. No muito, podem falar sobre a história, mas não sobre a realidade social de hoje. Chego mesmo a acreditar que a onda de nacionalismo doentio, manipulada pelos políticos e intelectuais conservadores, serve apenas para esconder o seu desconhecimento do que se passa atualmente na região. Daí o rancor desmedido contra os índios, os organizadores do maior encontro indígena da história do nosso país.

3 — Karará (Belo Monte). O complexo do Xingu que inclui a construção de seis hidrelétricas e o comprometimento da floresta Amazônica, do meio ambiente e das terras indígenas, temas do Encontro, serão objeto de um próximo artigo.

4 — Estrangeiros — Sinceramente,

não se sentiu durante todo o encontro qualquer odor de xenofobia, desencadeado nacionalmente pelas classes conservadoras. Havia, sim, a vontade de se realizar um grande e proveitoso encontro. O ecólogo José Lutzenberg foi muito claro quando se manifestou: "Acabo de viajar por vários países da Europa e da América do Norte, mas é só no Brasil que ouço essa história de internacionalização da Amazônia". Acrescente-se no Brasil, mas com a orquestração daqueles que já entregaram grande parte da Amazônia (terras, florestas, minério, pescado, etc.), para as multinacionais. Mas, como acreditam que o brasileiro não possui memória, vão empurrando com a barriga o seu nacionalismo, num ano eleitoral, na tentativa de permanecerem com o controle do país, o que já vêm fazendo por quase meio século. Inclusive, fazendo história: inflação de mais de 1000% ao ano.

A noite, dois bares atraíram os congressistas: o "Cnapê de Falsa" e o "Carioca", sem nenhum resquício de xenofobia. Brasileiros de Altamira e de qualquer outro Estado juntavam-se a estrangeiros de qualquer país. E a alegria era contagiante.

5 — Polícia — A Polícia Federal e a PM do Estado desempenharam papel importante durante o encontro. A PF no aeroporto anotava o número do passaporte de todos os estrangeiros que chegavam. E acompanhou discretamente todos os eventos. A PM esteve à frente do policiamento no Centro Comunitário e em Betânia. Mas não foi chamada em nenhum momento. O encontro foi extremamente pacífico. Não poucos participantes apartaram-se aos olhos policiais para parabenizá-los pelo trabalho tranquilo que realizaram durante cinco dias.

6 — Livros — Nas bancas de artesanatos, souvenirs e publicações, os livros mais vendidos: "As Hidrelétricas do Xingu e os Povos Indígenas", organizado por Leinad Ayer Santos e Lúcia M. de Andrade, e "Karará — Extermínio da Amazônia", coordenado por Pinon Frias, numa coletânea de trabalho de vários escritores regionais. "O Testamento do Homem da Floresta", de autoria de Chico Mendes, o grande homenageado do Encontro, foi distribuído gratuitamente pelo presidente da Assembléia Ecológica de Brasília.

7 — Os Índios — Os índios só deixaram a chácara "Betânia" para participar dos eventos programados. Não saíram à noite. Eles possuem um relacionamento razoável com a população de Altamira. Quase todos os meses, os índios vêm à Funai para vender peças de artesanato, aves e peixes. Como esses artesanatos são extraídos do seu "habitat" natural, sem nenhuma poluição, a classe média com sofreguidão dá preferência para as suas compras. Também os índios se abastecem de alguns produtos no comércio de Altamira. Daí ter surgido esse relacionamento entre a cidade e os índios.

Na verdade foram os índios que promoveram o espetáculo mais deslumbrante de todo o encontro. Principalmente a sua dança e o seu canto. Constituíam momentos de exaltação estética, articulada por um ritmo contagiante e pontuado, de corpos coloridos em movimento e por uma musicalidade que parecia capaz de alegrar ou adormecer a própria natureza. Parece que não é um canto musical. Mas um anelo entre o índio e a natureza. E mais um abraço. Um complexo. Um afago de quem sempre soube conviver harmoniosamente. Sim, harmoniosamente. Harmonia que o homem branco quer desarticular em nome de um duvidoso desenvolvimento.

Finalizando. O encontro foi um sucesso completo. A presença do cantor Sting apenas confirmou o prestígio do evento. Constituiu-se no mais importante congresso da história do índio em nosso país. Em 166 anos de Independência do Brasil, nenhum governo e nenhuma entidade oficial, quer o Império quer na República, teve a iniciativa de organizar um congresso dos índios como ocorreu em Altamira. Devido essa desídia, os índios tomaram a iniciativa e realizaram esse grande evento histórico.

Pressão internacional como "pata de gata macia"

Carlos Pinto de Almeida

O ministro do Exército, general Leônidas Pires Gonçalves declarou publicamente, eu, e muitos milhões de brasileiros, concordamos que nenhuma "Pata de gata macia" pousará sobre a Amazônia.

Desde 1987, quando ainda se pensava muito pouco em reuniões e seminários sobre ecologia da Hiléia, sempre procurei ressaltar que estávamos com um grande problema nas mãos, que nem a Constituição equacionou totalmente; embora determinando que os bens minerais nacionais somente devam ser explorados por brasileiros; foram dados cinco anos para as empresas alienígenas adequarem sua situação à nova realidade.

A verdade é que várias empresas multinacionais e suas subsidiárias (filias), há bastante tempo são detentoras de grandes áreas do subsolo, no Pará, na Amazônia e pelo resto do Brasil onde existem jazidas minerais de interesse econômico, tudo legalizado com Alvarás de Pesquisa e concessões de mineração concedidos pelo DNPM, de acordo com a lei.

Só no Pará, excluindo-se a parte que cabe à Vale do Rio Doce e outras empresas nacionais menores, estão presentes as multinacionais: Anglo-American (África do Sul), a Brascan e a Inco Co. (Canadá), a Shell (Holanda), a Rio Tinto Zinc e a British Petroleum (Inglaterra), e muitas outras — que relacionei em artigo anterior, com as áreas em que estamos autorizadas a trabalhar. Isto é, se trabalhassem e trouxessem para cá seus ricos dólares e libras para ajudar a puxar o país para cima.

Os solos paraenses com seus 1.248.042 km² tem comprometidos 240.020 km² por requerimentos de pesquisa, 198.763 km² por Alvarás de Pesquisa e mais 7.338 km² por concessões de mineração, num total de 446.121 km² ou 35% do total. Para a Amazônia, os números são semelhantes, 54% em Rondônia, 43% no Amapá, 35% no Amazonas. No Centro-Oeste, mais 70% em Mato Grosso e 55% em Goiás.

A Anglo-American, associada ao grupo nacional Bozano-Simonsen, é proprietária das minas de Morro Velho, Mariana e Ouro Preto e mais uma na região de Crizás, associada à Inco Co. Apenas para ilustrar um pouco mais o gigantismo do problema, consideremos que essas áreas são maiores que alguns países da Europa, como a Itália, a Grécia, as duas Alemanhas, a Suíça.

Essas empresas devem decidir: ou começam a trabalhar e aplicam o seu dinheiro aqui, ou devolvem as concessões.

Meu falecido pai, industrial e empresário Antônio Pinto de Almeida, que aqui nasceu e viveu até o fim de seus dias, lutou sempre pelo progresso da região e implantou naqueles recuados tempos de 1915/1920 uma pioneira empresa de navegação de cabotagem fluvial pelo grande rio até Iquitos e uma indústria de trituração de sal marinho e seu refino, com unidades em Belém e Manaus, produzindo aqui o que antes era importado do Nordeste e do Centro-Sul — por isso mesmo a antiga "Folha do Norte" o retratou como o "Rei do Sal"; costumava ele dizer muito do seu jeito que o dinheiro é uma invenção do diabo, mas filho de Deus nenhum pode passar sem ele; principalmente se fossem libras esterlinas, muito em moda naqueles tempos.

Hoje, continuo a ver uma grande verdade na afirmação de meu pai, e os dólares, as libras, os iens, as coroas, os marcos, as liras e até mesmo os rublos, que venham em grande quantidade, desde que sem compromissos draconianos ou condições de submissão à nossa soberania, apenas com o propósito sadio de aumentar o nosso progresso. E mesmo sendo "uma invenção do capeta" serão sempre benvidos, e nós, pobres filhos de Deus perdidos nessa Amazônia imensa, agradecemos.

Nunca fui político progressista, nacionalista radical ou extremo, ativista ou anarquista, simplesmente sou democrata, conciliador e com formação política embasada nas lições adquiridas de um raro professor, o falecido general Magalhães Barata, hoje reconhecido como realmente era — um idealista, patriota, intransigente defensor da Amazônia cheia de progresso e sobretudo um homem honesto a toda prova. São justíssimas as homenagens que todos nós lhe prestamos em seu centenário.

Sempre foi grato para mim recordar palavras que pretendiam me ofender, quando no período autoritário implantado a partir de 1964, o nomeado "governador capataz" de então, que determinou a minha prisão e outras humilhações menores, declarou-me ser um dos motivos principais daquele ato violento, o "ranço de Barata" que eu possuía, assim como possuía vários outros com-

panheiros com igual sorte, como o nosso atual governador, meu amigo Dr. Hélio Gueiros, que ainda hoje continuam lutando pela mesma Amazônia do "velho" Barata.

Escrevi essas reminiscências para reafirmar que não sou contra o capital estrangeiro, que é benvido, repito, se não vier escudado nas condições demônicas de sempre, causando constrangedora situação para a nossa frágil economia de Terceiro Mundo.

Espero que o "feito Caracas", que explodiu na Venezuela inicialmente como uma "debt crisis" e depois com o ruído e o cheiro de uma "debt bomb" e mais um saldo negativo de 500 e tantos cadáveres venezuelanos para atestar que a coisa não foi de brincadeira, não ocorra aqui. A Argentina, a Bolívia, o Peru, o Brasil, etc., possuem a mesma bomba em progresso. A dívida externa, com os seus juros e serviços, está com a corda toda esticada, e os países do Primeiro Mundo estão assustados com o que acontece.

E hom que se assistem e nos ajudem a resolver a situação, como parece que vai acontecer. O Banco Mundial está com técnicos em Brasília estudando a operacionalização de novos créditos, que se vierem com condições humanizadas, tudo bem. Os Estados Unidos e o Japão também estão dando claros sinais de mudança para melhor no que concerne à nossa dívida, e isso é bom.

O horto florestal amazônico tem sido acusado de "vilão" causador do "debt estufa" que destrói a camada de ozônio que nos protege dos ultra-violetas raios solares, pelas queimadas constantes e desmatamento acelerado que realmente não estão sendo controlados devidamente, mas dá a enfatizar que somos o pulmão do mundo é pura conversa fiada, é fato sabido e comprovado cientificamente que 75% a 85% do oxigênio produzido ou renovado vêm das algas marinhas existentes nos mares e oceanos terrestres, e o nosso oxigênio aqui produzido, aqui mesmo é consumido pelo processo da fotossíntese, e nem as queimadas liberando consideráveis quantidades de dióxido de carbono superam a queima de carvão nos Estados Unidos e na Europa, na proporção de 100

tons/habitantes/ano contra os irrisórios 600 a 700 quilos/habitantes/ano consumido aqui. O uso do gás "freon" em milhões de aparelhos de ar condicionado e de refrigeração, somados aos bilhões de latas de aerosol, solventes e espumas de limpeza, à base de clorofluorcarbono (CFC), é que realmente produzem o cloreto e o bromo desintegradores das moléculas de ozônio da camada protetora do planeta. E esse material todo é consumido por lá e não aqui no Brasil.

A decisão do presidente da República, escudada em conselhos do Itamaraty e do ministérios militares, de não comparecer à Conferência Internacional sobre a camada de ozônio, realizada em Haia, Holanda, há poucos dias, foi acertada, pois evitou constrangimento desnecessário. Seria interessante saber se foi debatida em plenário a denúncia do Museu Oceanográfico de La Rochelle, no sudoeste da França, acerca do uso indiscriminado do polibromofenil (PCB) causador da morte de mais de meio milhão de golfinhos, totalmente sem defesas imunológicas e com suas funções vitais e hormonais seriamente comprometidas, vítimas de víruses diversas e de câncer. E não são somente os golfinhos que estão ameaçados, mas toda a fauna marinha acabará tomando o mesmo destino.

A convivência harmônica entre os seres vivos e o ambiente, se perturbada por agressões como essas, torna a ecologia um problema mundial onde todos são culpados por permitir ou praticar tal coisa.

O programa Nossa Natureza que o governo federal apresentou aos governadores da Amazônia, reunidos em Manaus esta semana, visando preservar a ecologia de forma racional ao mesmo tempo em que orienta o seu desenvolvimento; ainda a recente reunião dos chanceleres dos 8 países do Tratado de Cooperação Amazônica, reunidos no Equador, de onde emitiram a Declaração de Quito com moção de absoluta solidariedade ao Brasil e condenando as ingerências externas e mais as atuais decisões dos países do Primeiro Mundo, capitaneadas pelos Estados Unidos e Japão, com relação à nossa dívida externa são sinais animadores de que alguma coisa está mudando, embora ainda de forma muito incipiente.

Parece que vamos conseguir manter o nosso "cofre do tesouro" aqui mesmo.